

# A gênese e os anos iniciais do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) no Paraná (1945-1948)\*

*The genesis and early years of the Brazilian Labor Party in Paraná  
(1945-1948)*

**Alessandro Batistella\*\***

## RESUMO



No presente artigo pretende-se focalizar o processo de redemocratização ocorrido em 1945 no Paraná, sobretudo a gênese e os anos iniciais do Partido Trabalhista Brasileiro paranaense. Dessa forma, procurará-se analisar quem eram os membros que integravam a elite partidária petebista nesse período, as disputas internas pelo poder dentro do partido, os motivos que catalisaram as inúmeras dissidências nas hostes petebistas, o desempenho eleitoral do PTB nas eleições de 1945 e 1947 e a sua relação com o governo de Moysés Lupion (1947-1950).

*Palavras-chave:* PTB. Paraná. Moysés Lupion. Elite partidária. Eleições.

## ABSTRACT



In this article it is intend to focus on the process of democratization occurred in 1945 in Paraná, especially the genesis and early years of the Brazilian Labor Party in Paraná. Thus, efforts will be made to analyze who the members that formed the PTB party elite in this period are, the internal power struggles within the party, the motives that have catalyzed the countless hosts dissent, the PTB electoral performance in the elections on the years of 1945 and 1947 and its relationship with the government of Moysés Lupion (1947-1950).

\* Pesquisa financiada pela Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

\*\* Professor Doutor da Universidade de Passo Fundo/RS (UPF) e da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

keywords: PTB. Paraná. Moysés Lupion. Party elite. Elections.

## *A redemocratização no Paraná e a formação dos partidos políticos*

Em 1945, o fim do Estado Novo e a volta do país ao regime democrático era apenas uma questão de tempo. Com a proximidade da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, as vozes que clamavam pela volta do país à democracia ecoavam cada vez mais altas, sobretudo com o afastamento dos censores do DIP das redações dos jornais.

Em fevereiro de 1945, após as declarações à imprensa de José Américo de Almeida (exigindo a volta das eleições e exaltando a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes), os grupos opositores a Getúlio Vargas no Paraná começaram a articular a Frente Única do Paraná,<sup>1</sup> que reunia, entre outros nomes, o major Plínio Tourinho, Joaquim Pereira de Macedo, Laerte Munhoz, Arthur Ferreira dos Santos, Erasto Gaertner, Francisco de Paula Soares Neto, Otávio da Silveira (dissidentes do antigo PSD), o intelectual David Carneiro e o engenheiro Othon Mader (um “camarguist”<sup>2</sup> que rompeu com Ribas em 1937).

No início de março de 1945, a Frente Única do Paraná é lançada oficialmente por meio de um manifesto<sup>3</sup>, no qual dava início a uma campanha sistemática à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, amplamente divulgada pelo jornal *Gazeta do Povo*. A Frente Única conseguiu rapidamente angariar inúmeros adeptos, como Bento Munhoz da Rocha Neto (filho de Caetano Munhoz da Rocha) e o jornalista Caio Machado (ex-deputado estadual pelo PSD em 1935-1937, que teve o seu jornal *O Dia* estatizado por Manoel Ribas), entre inúmeros outros políticos, profissionais liberais, intelectuais e estudantes.

Além da campanha eleitoral em favor do Brigadeiro Eduardo Gomes, a partir de abril a Frente Única do Paraná também passou a defender sistematicamente a volta do Território do Iguazu à jurisdição do Estado do Paraná. No final de maio, a Frente Única decidiu filiar-se à União Democrática Nacional (UDN).<sup>4</sup> Portanto, a Frente Única foi o germe da UDN no Paraná.

<sup>1</sup> Cf. “O momento nacional”. *Gazeta do Povo*, 25 fev. 1945, p. 3.

<sup>2</sup> Eram denominados de “camarguistas” os políticos que pertenciam aos governos anteriores a 1930 e que participaram do governo de Manoel Ribas. Esses políticos eram chamados de “camarguistas” em alusão ao último presidente do Paraná da República Velha, Afonso Alves de Camargo.

<sup>3</sup> Cf. Ao povo paranaense. *Gazeta do Povo*, 10 mar. 1945, p. 3.

<sup>4</sup> Cf. A reunião da comissão central da Frente Única do Paraná. *Gazeta do Povo*, 31 maio 1945, p. 5.

Posteriormente, assim como ocorreu em nível nacional, a UDN paranaense também passaria pelas primeiras cisões. O primeiro grupo foi a Esquerda Democrática, que daria origem ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). As dissidências udenistas também deram origem a outros partidos, como o Partido Libertador (PL), o Partido Republicano Progressista – que em junho de 1946 daria origem ao Partido Social Progressista (PSP) – e o Partido Republicano (PR), organizado em 1946. Desses pequenos partidos citados, apenas o PR lograria notoriedade política no Paraná, alcançando o posto de quarto principal partido do estado durante a década de 1950.

Por sua vez, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), cuja existência data no Paraná desde a década de 1920, também aproveitou a conjuntura da redemocratização para se reorganizar no estado. Assim, em novembro de 1945 o Diretório Estadual do PCB foi reorganizado e legalizado.<sup>5</sup>

Conforme já foi apontado pela historiografia, o sistema partidário brasileiro que se inaugurava articulava-se, com algumas exceções, em torno de dois pólos: de um lado, a oposição a Vargas; de outro, as forças getulistas continuístas, que deram origem a dois partidos distintos: o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Como dois irmãos siameses, o PSD e o PTB surgiram como partidos getulistas naquela conjuntura de “redemocratização pelo alto”.

[...] Essa estratégia de vinculação dos dois partidos a Vargas seria adotada em contraponto à atuação da UDN oposicionista e ao PCB, historicamente antivarguista. Se ao PSD caberia atuar para garantir uma transição conservadora e capaz de manter antigos poderes e privilégios, ao PTB seria destinada a função de legitimar, frente aos trabalhadores, os termos de uma mudança que não seria mais do que uma “transição permitida”. Além disso, ao PTB caberia a difícil e fundamental missão de aglutinar as mais diferentes categorias de trabalhadores em torno do partido, procurando-se obter maior legitimação para as condições através das quais se processaria a transição pelo alto (DELGADO, 1989, p. 31).

De uma forma geral, o PSD aglutinou os interventores federais, os integrantes da máquina administrativa dos governos federal e estaduais, além de segmentos das oligarquias estaduais, da burguesia e das classes médias urbanas. Dessa forma, o PSD nasceu com uma sólida estrutura organizacional e uma rede clientelista em todos os estados da federação.

No Paraná, o PSD foi articulado pelo interventor Manoel Ribas e por integrantes dos altos escalões da máquina administrativa estadual, como o Major Fernando Flores, Roberto Glaser, Angelo Lopes, João Teófilo Gomy Júnior, Lauro Sodré Lopes, e os irmãos Flávio

---

<sup>5</sup> Mais informações sobre o PCB no Paraná nesse período, ver Codato e Kieller (2008).

Guimarães.<sup>6</sup> Alô Guimarães.<sup>7</sup> e Acyr Guimarães<sup>8</sup> – filhos do general Teodorico Gonçalves Guimarães, pertencentes a uma tradicional família do Paraná –, entre outros.

Por sua vez, o PTB no Paraná teve sua origem diretamente relacionada ao sindicalismo oficial, pois o partido surgiu da União dos Trabalhadores do Paraná (UTP), que era uma espécie de intersindical corporativista que aglutinava diversas federações e sindicatos de todo o estado. A UTP foi arquitetada pelo interventor Manoel Ribas (provavelmente seguindo orientações de Getúlio Vargas e Alexandre Marcondes Filho) e por políticos ligados à interventoria do estado, como o Major Fernando Flores e o advogado trabalhista Milton Viana, que articularam com os líderes sindicais estadonovistas a criação da entidade, cujo objetivo era canalizar o sindicalismo ligado ao Estado Novo em uma frente de defesa do legado trabalhista de Getúlio Vargas. Entre os principais líderes da União dos Trabalhadores do Paraná estavam os sindicalistas Lúcio de Freitas<sup>9</sup> (presidente da UTP), Maximino Zanon,<sup>10</sup> João Tavares Santana,<sup>11</sup> Alfredo Santana Ribeiro<sup>12</sup> e Bernardino Fialho Sobrinho.<sup>13</sup>

Incentivada pelo interventor e contando com o apoio decisivo da máquina administrativa estadual, a UTP, e posteriormente o PTB do Paraná, surgem como uma espécie de “braço sindical” do PSD paranaense. Portanto, o Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná nasceu da fusão de duas correntes:

- a) a corrente “sindicalista”, que aglutinava os dirigentes sindicais ligados ao sindicalismo oficial estadonovista;
- b) a corrente “pragmático-getulista”, que reunia políticos e profissionais liberais umbilicalmente ligados à interventoria do estado e ao PSD, que transferiram-se para o PTB.

Durante o primeiro semestre de 1945, os dirigentes sindicais da UTP, juntamente com Milton Viana, Rubens de Mello Braga<sup>14</sup> e o jornalista Jorge Mathias Jr., entre outros, visitaram inúmeras cidades do interior do estado com o intuito de angariar adesões e fundar filiais da entidade nestas localidades. No entanto, o objetivo era mais amplo: criar condições mínimas de estruturação do PTB no estado por meio do sindicalismo corporativista estadonovista.

<sup>6</sup> Flávio Guimarães era advogado e atuava na administração de Manoel Ribas (NICOLAS, [s.d.]: p.31).

<sup>7</sup> Alô Guimarães era médico e foi nomeado por Manoel Ribas prefeito de Curitiba em 1945 (NICOLAS, [s.d.], p. 35).

<sup>8</sup> Acyr Guimarães era jornalista e proprietário do jornal *Gazeta do Povo* (NICOLAS, 1977, p. 101-103).

<sup>9</sup> Atuava nas sociedades beneficentes operárias.

<sup>10</sup> Ex-alfaiate e ex-desportista, também atuava nas sociedades beneficentes operárias.

<sup>11</sup> João Tavares Santana era líder ferroviário.

<sup>12</sup> Alfredo Santana Ribeiro era funcionário público federal, presidente da Federação das Sociedades Beneficentes Operárias e presidente da Sociedade Beneficente Garibaldi.

<sup>13</sup> Bernardino Fialho Sobrinho era presidente do Sindicato dos Empregados nas Indústrias de Moagem de Antonina, Morretes e Paranaguá.

<sup>14</sup> Rubens de Mello Braga era comerciante e agricultor, organizador de vários sindicatos e um dos líderes da greve dos leiteiros em 1935.

Ademais, outro objetivo dos dirigentes da UTP era defender a candidatura do General Eurico Dutra – “o continuador da obra social de Vargas”, conforme propagandeavam – para a presidência da República. Portanto, a UTP não estava ligada ao movimento queremista.<sup>15</sup>

Contudo, o Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná foi oficialmente fundado no domingo do dia 8 de julho de 1945, no qual a UTP – que se transformaria no PTB – preparou uma grande Convenção Estadual, realizada na Sociedade Duque de Caxias, em Curitiba.<sup>16</sup>

[...] Nesta Convenção, tendo em vista os dispositivos do Código Eleitoral, que não permitem o funcionamento de partidos políticos regionais, e tendo em vista as “démarches” realizadas pelo Dr. Milton Viana, para isso devidamente credenciado, a União dos Trabalhadores do Paraná procederá a sua filiação ao Partido Trabalhista Brasileiro, como também ratificará, em assembléia, a candidatura Eurico Gaspar Dutra à presidência da República.<sup>17</sup>

A sessão de fundação do PTB no Paraná contou com a presença de Luís Augusto França, então presidente nacional do partido, com o interventor Manoel Ribas (que, inclusive, representava o General Dutra), com políticos que pertenciam à máquina política estadual e ao PSD – como o Major Fernando Flores – e com diversos líderes sindicais de todo o estado. Nessa oportunidade, ficou definida a primeira Comissão Executiva do PTB no Paraná, que ficou assim constituída: presidente de honra: Lúcio de Freitas; presidente: Maximino Zanon; secretário: Vítor Barbosa; tesoureiro: José de Moura; conselho fiscal: Bernardino Fialho Sobrinho, José Barbosa de Almeida e Astrogildo Souza.<sup>18</sup>

Como aconteceu no Diretório Nacional e nos de outros estados da federação, a maioria dos cargos diretivos do PTB do Paraná ficaram, inicialmente, nas mãos dos sindicalistas, o que, aliás, vinha ao encontro da proposta de uma organização partidária voltada à incorporação dos dirigentes sindicais.

Maximino Zanon, o primeiro presidente do PTB paranaense (e que permaneceria no cargo até a sua morte, em janeiro de 1948) foi alfaiate e jogou futebol no Britânia S.C. – time hexacampeão paranaense na década de 1920. Ainda na década de 1920, atuou em sociedades operárias beneficentes, sendo presidente da Sociedade Operária Beneficente da Água Verde. Na década de 1930, Zanon continuou atuando no movimento sindical, tendo sido um dos

<sup>15</sup> O movimento queremista iniciou como um movimento popular que era favorável ao continuísmo de Vargas e que era discretamente apoiado pelo Ministério do Trabalho, pelo DIP e por empresários, como o paulista Hugo Borghi. Ancorados no lema era “Queremos Getúlio”, a partir do final de julho e início de agosto o movimento ganhou grande projeção nacional, com manifestações e comícios em todo o país, no qual defendiam a candidatura de Getúlio Vargas nas eleições de dezembro. Mais detalhes, ver Ferreira (2003).

<sup>16</sup> Essa grande Convenção da UTP, que daria origem ao PTB do Paraná, foi amplamente divulgada pelos jornais da capital, sobretudo pelo *O Dia*, jornal que pertencia ao governo do estado.

<sup>17</sup> *Diário da Tarde*, 7 jul. 1945, p. 1 (edição das 16h.).

<sup>18</sup> *O Dia*, 10 jul. 1945, p. 3.

fundadores e o primeiro presidente da Federação das Sociedades Beneficentes Operárias do Paraná. Também atuou como árbitro de futebol e dirigente esportivo, tendo ocupando os cargos de presidente do Britânia S.C., presidente da Liga Curitibana de Esportes Atlético, diretor da extinta Federação Paranaense de Desporto e diretor da Federação Paranaense de Futebol. Nos seus últimos anos de vida atuou como oficial do Cartório de Registro de Imóveis.<sup>19</sup>

Também merece ser ressaltado um aspecto importante: na Convenção que fundou o PTB no Paraná, os petebistas paranaenses e o presidente provisório nacional do partido, o sindicalista Luís Augusto França aproveitaram a oportunidade para hipotecar total apoio à candidatura do General Eurico Gaspar Dutra pelo PSD.<sup>20</sup>

Em suma, os primeiros meses de existência do PTB paranaense foram marcados pela inauguração de alguns diretórios pelo interior do estado, aproveitando a estrutura deixada pelos núcleos da UTP nestas cidades. Entretanto, o PTB do Paraná, assim como em todo o país, nasceu como um partido fraco.

### *O PTB do Paraná e o apoio à candidatura Dutra*

Maria Celina D'Araújo (1996, p. 31) constatou que a definição em relação às eleições presidenciais fomentou grandes disputas internas no PTB. Se, por um lado, o presidente provisório do partido Luís Augusto França defendia abertamente a candidatura do General Dutra, por outro, um grupo liderado por Segadas Viana, quebrando a hierarquia partidária, convocou a I Convenção Nacional petebista (realizada entre os dias 26 de agosto e 5 de setembro de 1945) para tratar do posicionamento oficial do partido no que tange à sucessão presidencial.

Na referida Convenção, Maximino Zanon, presidente do PTB paranaense, Milton Viana e Indalecio Manssani, alinhados com Luís Augusto França, defenderam o apoio do partido ao General Dutra, uma vez que Getúlio Vargas declarava que não seria candidato. Também ressaltavam o maior apreço por Vargas e, inclusive, sugeriram o seu nome para a presidência do partido.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Necrológios de Maximino Zanon. *Gazeta do Povo*, 23 jan. 1948, p. 3; *Diário da Tarde*, 22 jan. 1948, p. 6; *O Dia*, 23 jan. 1948, p. 5 e 5 fev. 1948, p. 3.

<sup>20</sup> Segundo Maria Celina D'Araújo (1996, p. 30-31), o apoio de Luís Augusto França à candidatura Dutra representou o início do seu "curto reinado" à frente do partido, pois tal posição "não se coadunava com a orientação queremista do partido, nem com a dos que viam no general o responsável pelos constrangimentos impostos à continuidade de Vargas no poder".

<sup>21</sup> *O Dia*, 6 set. 1945, p. 3.

No entanto, nesse encontro não se chegou a uma posição definitiva acerca de tal questão. Na verdade, o principal ponto dessa Convenção foi a escolha de um novo e definitivo Diretório Nacional do partido e de uma nova Comissão Executiva Nacional<sup>22</sup> (D'ARAÚJO, 1996, p. 31).

A vitória de Baeta Neves e Segadas Viana consolidaram a corrente antidutrista no PTB. Aliás, a inclusão de Maximino Zanon, presidente do PTB paranaense, na Comissão Executiva Nacional representou o seu alinhamento à corrente antidutrista, o que trouxe desdobramentos internos no PTB do Paraná, uma vez que a maior fração do partido era, desde o momento da sua fundação, amplamente favorável à candidatura do General Dutra. Inclusive, muitos petebistas paranaenses não apoiavam e nem participavam do movimento quererista no estado, que a partir de agosto começou a ganhar maior ímpeto.<sup>23</sup>

Para evitar uma crise com o Diretório Nacional, Maximino Zanon procurou impor à seção estadual do partido às orientações de Baeta Neves e Segadas Viana<sup>24</sup> – que eram antidutristas e quereristas. A partir de então as lideranças petebistas paranaenses tomaram uma posição equidistante em relação à sucessão presidencial: por um lado, não defendiam mais abertamente a candidatura Dutra – embora ainda apoiassem o general de forma velada –; por outro, também não aderiram ao movimento quererista, que em setembro já defendia a tese da “Constituinte com Getúlio” e contava com o apoio dos comunistas.<sup>25</sup>

Em Curitiba, os quereristas organizaram um grande comício “Pró-Constituinte com Vargas” para o dia 26 de setembro, na Praça Osório.<sup>26</sup> Aliás, um dos principais líderes quereristas era o jornalista Roberto Barrozo, do *Diário da Tarde*, que, por meio das suas colunas diárias, trocava farpas com Acyr Guimarães, também colunista e diretor da *Gazeta do Povo*, que era partidário do PSD e apoiador da candidatura Dutra.

Por sua vez, o interventor Manoel Ribas, embora fosse acusado de quererista, mostrava-se inclinado a apoiar Dutra, inclusive tendo consentido com a medida do Major Fernando Flores de proibir os comícios não partidários no estado em outubro, cujo objetivo era notoriamente atingir o movimento quererista, em franca ascensão no Paraná. Aliás, Manoel Ribas era, sem dúvida, o nome mais forte nas eleições de maio de 1946 para o

<sup>22</sup> A nova Comissão Executiva Nacional ficou assim constituída: presidente: Paulo Baeta Neves; vice-presidente: Salvador Gulizza; primeiro secretário: José de Segadas Viana; segundo secretário: Ilacir Pereira Lima; terceiro secretário: Maximino Zanon; primeiro tesoureiro: Romeu José Fiori; segundo tesoureiro: Aristides Largura (D'ARAÚJO, 1996, p. 32).

<sup>23</sup> Segundo Jorge Ferreira (2003, p. 23-24), entre 15 e 18 de agosto deflagrou-se uma sistemática campanha nacional visando a mobilizar a população para um grande comício quererista, programado para o dia 20 de agosto. Inspirados no sucesso do comício realizado no Rio de Janeiro, em Curitiba os quereristas organizaram um comício para o dia 26 de agosto na Praça Osório, no qual discursariam alguns líderes quereristas da capital, como o jornalista Roberto Barrozo, então colunista do jornal *Diário da Tarde*.

<sup>24</sup> *Diário da Tarde*, 22 set. 1945, p. 1 (edição das 13h.).

<sup>25</sup> Conforme Lucília de Almeida Neves Delgado (1989, p. 50-51), “[...] Os comunistas entendiam que a permanência de Vargas no poder, sob nova roupagem, podia abrir-lhes espaço para participação no bloco governamental e, na pior das hipóteses, garantir-lhes a segurança da legalidade”.

<sup>26</sup> Cf. *Diário da Tarde*, 26 set. 1945 (edição das 16h.).

governo do estado – e provavelmente teria vencido se não tivesse falecido no início de 1946.<sup>27</sup>

Na Convenção Estadual do PSD, iniciada em 18 de outubro de 1945, Ribas foi o escolhido como candidato do partido ao governo do Paraná<sup>28</sup> – embora já circulasse na imprensa de todo o país a informação de que os interventores estaduais seriam os candidatos do PSD em diversos estados da federação. O principal concorrente de Ribas seria o udenista Othon Mader, escolhido em uma Convenção Estadual do partido em outubro de 1945.

Por sua vez, o PTB paranaense, após a Convenção Estadual realizada no dia 28 de outubro de 1945, no qual seriam escolhidos os candidatos do partido, também decidiu apoiar a candidatura do interventor Manoel Ribas<sup>29</sup>. No entanto, Vargas foi deposto no dia 29 de outubro por um golpe militar encabeçado por Dutra e Góes Monteiro. Provisoriamente, a presidência da República foi ocupada pelo presidente do Supremo Tribunal Federal José Linhares, que adiou as eleições dos executivos estaduais.

Com a queda de Vargas, Manoel Ribas<sup>30</sup> também caiu no início de novembro, passando o cargo de interventor do estado ao desembargador Clotário de Macedo Portugal, cuja principal missão era garantir as eleições de dezembro.

### *O PTB e as eleições de dezembro de 1945*

Em virtude das eleições de dezembro de 1945, o PTB do Paraná lançou, na Convenção Estadual realizada no final de outubro, dois candidatos ao Senado (Getúlio Vargas<sup>31</sup> e Theodorico F. Martins<sup>32</sup>) e oito candidatos à Câmara Federal (Getúlio Vargas, Alfredo Santana Ribeiro,<sup>33</sup> Aldo Laval,<sup>34</sup> Gastão Vieira de Alencar,<sup>35</sup> Olavo Plínio de Matos,<sup>36</sup> Ozeas Saraiva de Araújo,<sup>37</sup> Rubens de Mello Braga<sup>38</sup> e Sinibaldo Trombini<sup>39</sup>).<sup>40</sup>

<sup>27</sup> Após a deposição de Vargas, as eleições estaduais no Paraná foram adiadas para janeiro de 1947.

<sup>28</sup> *Gazeta do Povo*, 19 out. 1945, p.1; e 20 out. 1945, p. 3.

<sup>29</sup> *Diário da Tarde*, 29 set. 1945 (edição das 16h.); *O Dia*, 30 set. 1945, p. 3.

<sup>30</sup> Após a sua deposição, Manoel Ribas assumiu a presidência do PSD no Paraná em novembro de 1945, ocupando o cargo até a sua morte, em janeiro de 1946.

<sup>31</sup> A Lei Agamenon, de 28 de maio de 1945, permitia a candidatura múltipla, podendo o candidato concorrer simultaneamente para presidente, senador ou deputado federal num mesmo ou mais estados. Getúlio Vargas, por exemplo, concorreu a deputado federal em sete estados e a senador em três estados.

<sup>32</sup> Theodorico Martins era gráfico e líder operário em Ponta Grossa e Curitiba.

<sup>33</sup> Alfredo Santana Ribeiro era funcionário público federal, presidente da Federação das Sociedades Beneficentes Operárias e presidente da Sociedade Beneficente Garibaldi.

<sup>34</sup> Aldo Laval era contador e membro do Diretório Municipal de Ponta Grossa. Era um dos fundadores e o atual presidente da Cooperativa dos Operários de Ponta Grossa.

<sup>35</sup> Gastão Vieira de Alencar era funcionário público estadual em Cornélio Procopio.

<sup>36</sup> Olavo Plínio de Matos era bancário, um dos fundadores e o primeiro presidente do Sindicato dos Bancários do Paraná.

<sup>37</sup> Ozeas Saraiva de Araújo era rádio-telegrafista do Departamento Regional de Correios e Telégrafos.

Seguindo as orientações do Diretório Nacional do partido de priorizar as candidaturas de dirigentes de sindicatos ou de associações de classe, o PTB paranaense lançou como candidatos apenas pessoas que tinham ou tiveram alguma ligação com o movimento sindical no estado.

No que tange à sucessão presidencial, após a deposição de Vargas os partidos precisaram repensar as suas estratégias e reorientar as suas ações. Segundo aponta Lucília de Almeida Neves Delgado (1989, p. 62):

O Partido Comunista refez sua orientação, e da proposta de “Constituinte com Vargas” passou a articular uma candidatura própria para a presidência da República. O escolhido foi Yedo Fiuza. Além de concorrer às eleições presidenciais, os comunistas também lançaram candidatos em todos os níveis.

A União Democrática Nacional, que já havia lançado a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, viu crescerem suas possibilidades eleitorais e empenhou-se em uma campanha cujo principal apelo, envolvido por propostas liberais, foi o da transformação da ordem constitucional.

O Partido Social Democrático, que também já havia lançado seu candidato à presidência da República, o Marechal Dutra, viu, com certo temor, o avanço da candidatura udenista, que mesmo não gozando de grande popularidade, crescia em ritmo acentuado. Para garantir, de certa maneira, um tom oposicionista às propostas do partido, e com isto se apropriar de parte do discurso udenista, os pessedistas afirmaram que, apesar de sua ligação com o governo varguista, não compactuavam com sua face autoritária.

Jorge Ferreira (2003, p. 40) lembra que, em meados de novembro, a vitória o Brigadeiro Eduardo Gomes era dada como certa, sobretudo porque Dutra não gozava de popularidade junto aos setores populares por estar envolvido na deposição de Vargas, que, ressentido, recusava-se a apoiar o general.

Aliás, para o PSD, naquele contexto, a aliança com o PTB era fundamental para a vitória de Dutra. Porém, o Partido Trabalhista Brasileiro encontrava-se dividido em três tendências, conforme aponta Lucília de Almeida Neves Delgado (1989, p. 63):

a) A que defendia a abstenção, representada por Baeta Neves e Segadas Viana, que controlavam a Comissão Executiva do partido;

---

<sup>38</sup> Rubens de Mello Braga era comerciante e agricultor. Foi organizador de vários sindicatos e um dos líderes da greve dos leiteiros de 1935. Teve participação ativa na organização da UTP e na criação do PTB no Paraná.

<sup>39</sup> Sinibaldo Trombini era contador e presidente da Sociedade Operária Beneficente de Morretes. Era também presidente do Diretório Municipal do PTB de Morretes.

<sup>40</sup> Mais detalhes ver *O Dia*, 18 nov. 1945, p. 1.

b) A que articulava o apoio a Dutra, cujos principais mentores eram Hugo Borghi, Luiz Augusto França, José Junqueira e Nelson Fernandes;

c) A que propugnava o lançamento de um candidato próprio do PTB. Inicialmente esta posição teria sido recomendada pelo próprio Vargas, que, inclusive, chegou a sugerir, como possíveis alternativas de candidatura, os nomes de João Neves da Fontoura e Osvaldo Aranha.

Ainda conforme a autora (DELGADO, 1989, p. 63), a definição acerca da posição do PTB foi decidida em uma reunião do Diretório Nacional do partido, que, por 17 votos a 13, optou em não lançar nenhum candidato e nem apoiar nenhum outro partido, permanecendo em uma posição de abstenção. No entanto, o grupo dutrista, liderado pelo empresário paulista e líder queremista Hugo Borghi, decidiu não acatar a decisão do Diretório do partido e passou a apoiar o General Dutra.

Por sua vez, o PTB paranaense, que desde a sua gênese fora dutrista, também passou por cima da decisão do Diretório Nacional e hipotecou amplo apoio à candidatura Dutra no Paraná.<sup>41</sup>

Progressivamente, a ala liderada por Hugo Borghi foi encorpando e ganhou importantes adesões, como a de João Neves da Fontoura. Assim, à revelia da decisão do Diretório Nacional do partido, o PTB iniciou conversações com o PSD.<sup>42</sup>

Em visível desvantagem eleitoral, o Gen. Dutra conseguiu reverter a sua situação nas últimas semanas antes do pleito, sobretudo em virtude de dois fatores. Em primeiro lugar, à campanha dos “marmiteiros”, criada por Hugo Borghi<sup>43</sup>, que marcou profundamente Eduardo Gomes como um candidato das elites. E, em segundo lugar, ao apoio público de Vargas, que se concretizou por meio de um acordo de última hora, conforme relata Maria Celina D’Araújo (1996, p. 35):

---

<sup>41</sup> *Gazeta do Povo*, 18 nov. 1945, p. 8.

<sup>42</sup> Antes de Vargas apoiar a candidatura Dutra, desenvolveram-se várias negociações entre o PSD e o PTB – que estava dividido entre aqueles que apoiavam e os que não apoiavam a candidatura do general. Mais detalhes ver Gomes (2005, p. 289-294).

<sup>43</sup> Conforme Jorge Ferreira (2003, p. 40-41): “[...] Atento aos discursos de Eduardo Gomes, Hugo Borghi, pela rádio, ouviu a seguinte frase: ‘Não preciso dos votos desta malta de desocupados que apóia o ditador para me eleger presidente da República’. Malta, para o brigadeiro, seria o conjunto de trabalhadores que participou dos comícios queremistas, porque, em sua percepção política, recebeu dinheiro do Ministério do Trabalho para comparecer às manifestações pela continuidade de Vargas no poder. Borghi foi ao dicionário e leu: ‘Malta – agrupamento de lobos, conglomerado de má catadura, operários que percorrem as linhas ferroviárias levando suas marmitas, marmiteiros...’. Marmiteiros, pensou ele, era melhor do que malta. Com sensibilidade política, não foi difícil perceber que marmiteiro ‘pegava’ mais do que malta. No dia seguinte, Borghi acionou uma cadeia de 150 rádios. Sem meias-palavras, declarou: ‘A maior prova de que o senhor Brigadeiro é o candidato dos grã-finos, dos milionários, dos ricos, dos barões, dos exploradores do povo [...] é que ele declarou que não precisa dos votos dos marmiteiros, que trabalham, que lutam [...]’”.

[...] formalizado em 22 de novembro, o acordo Dutra-PTB estabelecia que o Ministério do Trabalho seria entregue ao PTB, que as pastas civis seriam distribuídas proporcionalmente entre os partidos que apoiassem o candidato, que as interventorias seriam distribuídas pelo mesmo critério proporcional e, finalmente, que Dutra apoiaria o programa do PTB e reconheceria e aperfeiçoaria as atuais leis trabalhistas e de amparo social.

Para Miguel Bodea (1992, p. 33), é provável Vargas acabou apoiando Dutra também porque temia ver a UDN apossar-se do governo federal e empreender uma perseguição política aos seus correligionários.

Dessa forma, Vargas divulgou, no dia 25 de novembro, um manifesto ao eleitorado brasileiro no qual os aconselhava a votar em Dutra. Tal manifesto foi, sem dúvida, decisivo para a vitória do Gen. Dutra, que obteve 55% dos votos contra 35% do Brigadeiro Eduardo Gomes e 10% do comunista Yedo Fiúza (FAUSTO, 2006, p. 220).

No Paraná, apoiado pelo PSD e pelo PTB, Dutra venceu com uma ampla margem de votos: 70,1% contra 26,1% do Brigadeiro Eduardo Gomes e 3,5% de Yedo Fiúza (IPARDES, 1989, p. 9).

Nas eleições para o Senado, a vitória ficou com os dois candidatos pessedistas, Flávio Guimarães e Roberto Glaser, que obtiveram uma ampla votação, superando, inclusive, as candidaturas de Getúlio Vargas (PTB) e de Luís Carlos Prestes (PCB).<sup>44</sup> Para a Câmara Federal, o PSD também se sagrou amplamente vitorioso, elegendo seis dos nove deputados federais do Paraná,<sup>45</sup> ao passo que a UDN conquistou duas cadeiras<sup>46</sup> e o PTB elegeu somente um deputado: Getúlio Vargas.<sup>47</sup>

Portanto, as eleições de 1945 no Paraná demonstram algumas tendências já observadas em nível nacional, como a força da máquina partidária do PSD, o grande vitorioso dessas eleições, que contava com uma sólida estrutura administrativa e clientelista no interior do estado. Por sua vez, o PTB paranaense saiu das eleições de 1945 como o terceiro partido,

<sup>44</sup> Flávio Guimarães (PSD) obteve 76.821 votos; Roberto Glasser (PSD), 70.015; Getúlio Vargas (PTB), 57.756; José de Macedo (UDN), 44.962; José da Rocha Loures (UDN): 38.022; Teodorico Martins (PTB), 22.054; Tasso da Silveira (PRP), 8.326; Manoel Barreto de Alencar, 7.740; Luís Carlos Prestes (PCB), 6.870; Otávio da Silveira (PCB), 6.279. Cf.(IPARDES, 1989, p. 107).

<sup>45</sup> O PSD elegeu os seguintes deputados federais: Major Fernando Flores, José Munhoz de Melo, Lauro Sodré Lopes, João Aguiar, Aramis T. Athayde e João Teófilo Gomy Júnior (Acyr Guimarães, proprietário do jornal Gazeta do Povo, ficou no posto de suplente e foi frequentemente convocado para o parlamento). Cf. (IPARDES, 1989, p. 14; 110).

<sup>46</sup> A UDN elegeu Bento Munhoz da Rocha Neto (que depois acompanharia a dissidência que fundaria o Partido Republicano no Paraná) e o médico Erasto Gaertner. Cf. (IPARDES, 1989, p. 14; 110).

<sup>47</sup>Getúlio Vargas foi eleito senador da República pelos estados do Rio Grande do Sul e São Paulo (sendo derrotado no Paraná) e eleito deputado federal por sete estados da federação: Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná – onde quem assumiu a legislatura foi o primeiro suplente Rubens de Mello Braga.

porém com um fraco desempenho eleitoral, o que demonstra que a opção em lançar a candidatura de lideranças sindicais não logrou êxito.<sup>48</sup>

Por fim, as eleições também demonstraram a fragilidade estrutural do PTB no Paraná, que, nos seus primeiros anos, enfrentaria inúmeras dificuldades, sobretudo em virtude das disputas internas pelos postos de mando do partido.

### *A relação com Moysés Lupion e as primeiras cisões no PTB paranaense*

O ano de 1946 foi bastante agitado nos círculos políticos paranaenses. Logo no início do ano (no final de janeiro) ocorreu o falecimento do ex-interventor e presidente do PSD do Paraná Manoel Ribas,<sup>49</sup> o mais cotado para vencer as eleições para o governo do estado em 1947. Em seguida, o interventor Clotário Portugal, considerando sua missão encerrada, decidiu exonerar-se do cargo.

Segundo o jornalista Samuel Guimarães da Costa (1994, p. 363), o presidente Eurico Gaspar Dutra decidiu que o novo interventor do Paraná sairia dos quadros do PSD e solicitou ao Diretório Estadual a indicação de quatro nomes, cujos indicados foram: o advogado Antônio Augusto Carvalho Chaves, o médico Alô Guimarães, o advogado e professor da Universidade do Paraná Brasil Pinheiro Machado e o abastado empresário Moysés Lupion de Tróia,<sup>50</sup> que era amigo íntimo do ex-interventor Manoel Ribas.

Em seu estudo, Jefferson de Oliveira Salles (2004) revela que Manoel Ribas possuía fortes ligações com o Grupo Lupion,<sup>51</sup> inclusive inserindo alguns indivíduos desse conglomerado no aparelho burocrático do Estado. A relação entre Moysés Lupion e Manoel

---

<sup>48</sup> Assim, não tardou para que o PTB do Paraná – a exemplo do que ocorreu na Executiva Nacional do PTB – sofresse um processo de “elitização”, com o ingresso de inúmeros políticos profissionais, empresários e profissionais liberais – sobretudo advogados e funcionários públicos, especialmente os ligados aos órgãos do Ministério do Trabalho – o que, posteriormente, culminaria no afastamento dos sindicalistas dos postos de mando da agremiação. Em outras palavras, não tardou para o PTB paranaense passar a ser dominado pela ala “pragmático-getulista”, que se caracterizava pelo fisiologismo.

<sup>49</sup> Após a morte de Ribas, assumiu a presidência do PSD no estado Alô Guimarães. No entanto, no início de maio assumiu a presidência do partido o interventor Brasil Pinheiro Machado. Nesse momento, o PSD estava atravessando um período de grande disputas internas.

<sup>50</sup> Moysés Lupion de Tróia nasceu em Jaguariaíva (PR) em 25 de março de 1908. Formou-se em contabilidade pela Escola Álvares Penteado, em São Paulo. De volta ao Paraná, atuou como empresário do setor madeireiro e construiu um império econômico (CARNEIRO; VARGAS, 1994, p. 199-201).

<sup>51</sup> O Grupo Lupion refere-se ao conjunto de empresas, sobretudo do setor madeireiro, que pertenciam à família de Moysés Lupion e seus sócios.

Ribas era tão próxima que o então interventor instalou o PSD do Paraná em uma sala na empresa de Lupion<sup>52</sup> – local onde o PSD funcionou nos seus primeiros meses de existência.

Após a morte de Manoel Ribas, Lupion passou a ser considerado o seu herdeiro político e ambicionava chegar ao governo do Paraná. Porém, o nome escolhido pelo presidente Dutra para a interventoria do estado foi o de Brasil Pinheiro Machado, que assumiu o governo em 25 de fevereiro de 1946.

De acordo com Samuel Guimarães da Costa (1994, p. 363-364), a missão de Brasil Pinheiro Machado era pacificar a política paranaense e garantir uma tranquila sucessão governamental, mas não foi isso o que ocorreu. Primeiramente, porque o novo interventor nomeou um secretariado exclusivamente pessedista e pertencente às tradicionais famílias do estado – os chamados “paranaenses históricos” –, o que gerou grandes descontentamentos entre os demais partidos. Soma-se a isso o fato de que o interventor passou a fazer campanha eleitoral em favor de si mesmo, inclusive promovendo festividades e comícios no interior do estado.

Por outro lado, ambicionado chegar ao governo do Paraná, Moysés Lupion utilizou-se da sua fortuna para promover a sua candidatura, comprando jornais – como *O Dia*,<sup>53</sup> de Curitiba, e *Correio do Paraná*, de Londrina, além de 49% da *Gazeta do Povo*, de Curitiba – e emissoras de rádios, como a *Rádio Sociedade Guairacá Ltda.*, em Curitiba – que controlava seis outras emissoras no interior do Paraná (SALLES, 2004, p. 98).

As duas pré-candidaturas pessedistas (Pinheiro Machado e Moysés Lupion) à sucessão estadual de 1947 acabaram gerando uma crise política no Paraná e polarizando as posições dentro do PSD e do PTB, uma vez que havia dentro desses partidos uma pequena ala simpática ao interventor e outra forte corrente que defendia a candidatura de Lupion.

Aliás, convém observar que a candidatura do pessedista Moysés Lupion foi lançada pelo PTB paranaense, onde havia um grupo que a defendia enfaticamente e que deu início a uma sistemática campanha de oposição ao interventor Pinheiro Machado por meio de um jornal trabalhista denominado *Diário Popular*, fundado no dia 1º de maio de 1946<sup>54</sup>. Impresso nas oficinas do jornal lupionista *O Dia*, o *Diário Popular* tinha como diretor Raul Viana, como gerente Abilon de Souza Naves e como secretário o jornalista Jorge Mathias Jr., todos membros do PTB paranaense e amigos de Lupion.

<sup>52</sup> Conforme entrevista de David Wille Lupion, irmão de Moysés Lupion e um dos fundadores do Grupo Lupion, a *Gazeta do Povo* (1977 apud SALLES, 2004, p. 97-98).

<sup>53</sup> O jornal *O Dia* foi arrendado junto ao governo paranaense por Lupion no início de 1946. Dirigido por Raul Vaz, amigo e homem de confiança de Lupion, esse jornal tornou-se o órgão oficial do lupionismo. Com grande circulação por todo estado, propagandeou o nome de Lupion por todo o Paraná.

<sup>54</sup> O período de circulação do *Diário Popular* não foi longo: de maio de 1946 até fevereiro de 1947. Posteriormente, o jornal voltou a circular também por um período efêmero, entre abril e outubro de 1948.

Além dos vínculos com Lupion, outro fator que levou a deterioração das relações do PTB com Brasil Pinheiro Machado foi a exclusão dos trabalhistas da administração do Estado, assim como não designar a interventoria da capital e de algumas cidades do interior do estado aos petebistas.<sup>55</sup> Diante desse quadro, o PTB, em uma reunião realizada no dia 29 de abril de 1946, decidiu romper com Pinheiro Machado e lhe fazer oposição.<sup>56</sup>

No entanto, tal decisão catalisou uma grave crise interna, pois um grupo de petebistas não concordava com o rompimento do partido com o interventor e do apoio dado à candidatura de Lupion. Essa fração do PTB alegava que o referido rompimento fora uma decisão somente do presidente Maximino Zanon e de alguns membros da Executiva Estadual, que a tomaram sem consultar os diretórios municipais do interior do estado.<sup>57</sup>

Portanto, não restam dúvidas de que Maximino Zanon e a cúpula do PTB paranaense possuíam fortes vínculos com Moysés Lupion, que, inclusive, injetava dinheiro no partido e patrocinava um jornal trabalhista que defendia explicitamente a sua candidatura, ao mesmo tempo em que atacava o seu principal concorrente, o interventor Pinheiro Machado.

Ademais, também se pode visualizar no PTB do Paraná algumas características presentes no PTB nacional, como a oligarquização, a verticalização e a falta de democracia interna do partido. Além disso, o Partido Trabalhista Brasileiro paranaense também recorreria a uma prática comum aplicada pelo Diretório Nacional do partido: o expurgo. No final de maio de 1946, o partido expulsou das suas fileiras diversos membros,<sup>58</sup> configurando a primeira grande cisão dentro do partido.

Os dissidentes, por meio da imprensa, denunciaram a maneira como foram expulsos do partido – segundo eles, “arbitrariamente por simplesmente discordarem da forma totalitária que a Comissão Executiva Estadual conduzia as decisões internas do partido”.<sup>59</sup>

No dia 22 de junho de 1946, ala dissidente do PTB divulgou um manifesto,<sup>60</sup> no qual afirmava que discordava do rompimento com Pinheiro Machado e era contrária ao apoio

---

<sup>55</sup> Os petebistas queriam as interventorias de Curitiba, Ponta Grossa, Colombo, Araucária, Piraquara, Guarapuava, Irati, Rio Negro, Tibagi, Jaguariaiva, Imbuial, mas só conseguiram as cidades de Teixeira Soares e Cornélio Procópio. *Diário da Tarde*, 13 maio 1946, p. 4.

<sup>56</sup> Cf. *Diário Popular*, 1º maio 1946; *Diário da Tarde*, 3 maio 1946, p. 1 (edição das 13h.).

<sup>57</sup> Cf. BARROZO, Roberto. “Do navio à canoa”. *Diário da Tarde*, 13 jun. 1946, p. 1.

<sup>58</sup> Foram expulsos vários membros que tiveram importante atuação na fundação do PTB do Paraná. Dentre os expurgados estavam, entre outros, Milton Viana, que teve uma destacada atuação na organização da UTP e do PTB, além dos líderes sindicais Theodorico Ferreira Martins, Alfredo Santana Ribeiro e Sinibaldo Trombini, que, inclusive, concorreram nas eleições de dezembro de 1945 como candidatos do partido. Também foram expulsos José de Moura Filho (tesoureiro do partido), José Barbosa de Almeida (do conselho fiscal), Epaminondas Camargo, Elpidio Borba, José Nazareth Riceti, Normando Jusi, João Krack Neto, Otelo Lopes, Lourival Cardoso, Ernesto Saboia e Peni Withers Rodbacker.

<sup>59</sup> Cf. a carta de Alfredo Santana Ribeiro intitulada “O nosso PTB está com rombos nos cascos”, publicada na *Gazeta do Povo* (19 jun. 1946) e no *Diário da Tarde*, 20 jun. 1946, p. 3.

<sup>60</sup> Esse manifesto foi publicado em: *Gazeta do Povo*, 23 jun. 1946, p. 5 e 7; e *Diário da Tarde*, 25 jun. 1946, p. 3

hipotecado à candidatura de Lupion ao governo do Paraná. E que, por isso, foram expulsos, de forma arbitrária e surpreendente, pela oligarquia que domina o PTB.

Posteriormente, a troca de acusações, via imprensa, entre os dois grupos continuou por mais algum tempo. Enquanto os membros do Diretório petebista argumentavam que não havia dissidentes trabalhistas, mas sim “traidores” e “meros capachos” do interventor Pinheiro Machado,<sup>61</sup> os dissidentes criticavam a “lupionização” do partido, além de também atacarem o jornal *Diário Popular*, “dizendo que esse não era um órgão trabalhista, mas sim lupionista”.<sup>62</sup>

No início de junho de 1946, ocorreu a escolha da nova Executiva Estadual, cujos cargos ficaram divididos entre os membros da corrente “sindicalista” e da corrente “pragmático-getulista”:

**Tabela 1 – Comissão Executiva do PTB do Paraná (eleita em junho de 1946)**

Presidente de Honra	Lúcio de Freitas (líder sindical)
Presidente	Maximino Zanon (líder sindical)
Vice-Presidente	Abilon de Souza Naves (contador e funcionário público)
Primeiro Secretário	Raul Viana (advogado)
Segundo Secretário	Leonel Prado Martins (advogado)
Terceiro Secretário	João Tavares Santana (líder ferroviário)
Primeiro Tesoureiro	Adélio Ramiro de Assis (contador)
Segundo Tesoureiro	Miguel Raitani
Conselho Fiscal	Bernardino Fialho Sobrinho (líder sindical) Rubens de Mello Braga (comerciante e ex-líder sindical) José Joaquim Bertolini (líder sindical)

Fonte: *Diário Popular*, 12 jun. 1946, p. 3.

Entretanto, é importante ressaltar que, com os expurgos, o novo Diretório Estadual sofreu uma significativa mudança,<sup>63</sup> sobretudo pelo fato de muitos dos novos integrantes possuírem algum tipo de vínculo (amizade e/ou clientelístico) com Moysés Lupion, o que contribuiu para o processo de “lupionização” do PTB paranaense. Inclusive, alguns sindicalistas, como o presidente do partido Maximino Zanon, foram cooptados por Lupion.

<sup>61</sup> Cf. “Não há dissidentes: os supostos dissidentes são desprezíveis traidores do partido”. In: *Diário Popular*, 24 jun. 1946, p. 6.

<sup>62</sup> Cf. RIBEIRO, Alfredo Santana. “Telhado de vidro”. In: *Gazeta do Povo*, 3 jul. 1946, p. 1.

<sup>63</sup> Dos 20 membros que compunham o primeiro Diretório do partido, nove (45%) deixaram o PTB, sendo que sete foram expulsos. Tratam-se dos seguintes nomes: Milton Viana, Alfredo Santana Ribeiro, José de Moura, José Barbosa de Almeida, Epaminondas de Camargo, José Nazareth Riceti e Elpídio Borba (que foram expulsos), além de Astrogildo Souza e Camilo Caminha. Posteriormente, alguns desses expurgados aderiram ao Partido Social Trabalhista (PST).

Em segundo lugar, convêm observar o surgimento do nome de Abilon de Souza Naves<sup>64</sup> nas hostes trabalhistas e a sua rápida ascensão dentro do partido, ocupando o posto de vice-presidente (posteriormente, Souza Naves se tornaria o principal líder trabalhista do Paraná). A ascensão de Souza Naves dentro do PTB paranaense deve-se, sobretudo, pelos seus vínculos pessoais com Moysés Lupion,<sup>65</sup> inclusive, Souza Naves era gerente do jornal *Diário Popular*,<sup>66</sup> órgão trabalhista financiado por Lupion.

Portanto, nesse momento configurava-se a existência de dois grupos dentro do PTB do Paraná:

- os “lupionistas”: grupo formado tanto por membros da ala “sindicalista” quanto “pragmático-getulista” que foram cooptados por Lupion; estavam no comando partidário;
- os “antilupionistas”: grupo formado principalmente por uma fração da ala “sindicalista”, mas que também abarcava alguns “pragmáticos-getulistas”; estavam sendo aleijados dos altos postos de mando do partido.

Dentre os petebistas que eram contrários à “lupionização” do partido ganhava destaque no cenário político paranaense o jornalista Roberto Barrozo, diretor do jornal *Diário da Tarde*, que, passaria a utilizar as páginas do seu jornal para criticar duramente a Executiva Estadual do PTB e, principalmente, Moysés Lupion, de quem se tornaria o mais ferrenho opositor.

---

<sup>64</sup> Mineiro de Uberaba, Abilon de Souza Naves, nascido em 1905, chegou ao Paraná no final da década de 1940. Contador de formação, atuava como delegado regional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC) e trabalha na área comercial do jornal *Gazeta do Povo* (NEVES, 2002, p. 138).

<sup>65</sup> De acordo com o depoimento de David Wille Lupion, Souza Naves tornou-se amigo de Lupion por meio de um amigo em comum: Raul Vaz, com quem trabalhava no IAPC (apud SALLES, 2004, p. 98).

<sup>66</sup> O *Diário Popular* além de ser gerenciado por Abilon de Souza Naves, era dirigido pelo advogado Raul Viana (que ascendeu ao posto de primeiro secretário do PTB), e tinha como secretário o jornalista Jorge Mathias Jr., um dos fundadores do PTB, mas que nessa época possuía fortes vínculos com Lupion, inclusive trabalhando no jornal *O Dia*, que também pertencia a Lupion.

## *O PTB e as eleições estaduais de 1947*

As articulações do interventor Brasil Pinheiro Machado em promover a sua candidatura ao governo do Paraná não apenas repercutiram no seio do Partido Trabalhista Brasileiro, mas também em toda a política paranaense, cindindo o estado e o próprio Partido Social Democrático – que também possuía uma forte ala lupionista.

Combatido pelo PTB e dentro do seu próprio partido, o PSD,<sup>67</sup> o clima político no Paraná tornou-se insustentável para o interventor Pinheiro Machado, que acabou renunciando e sendo substituído pelo Tenente Coronel Mário Gomes da Silva, em outubro de 1946. O novo interventor, que contava com o apoio do PTB,<sup>68</sup> adotou um discurso de pacificar a política paranaense e garantir a idoneidade das eleições estaduais de janeiro de 1947.

Sobre o novo interventor, o jornalista Samuel Guimarães Costa (1994, p. 364-365) fez a seguinte observação:

Quanto ao novo interventor Mário Gomes, tratava-se de quase um ilustre desconhecido. Pertencia aos quadros da Intendência do Exército, tendo servido antes na 5ª Região Militar. Fora chefe de Polícia em Santa Catarina e, na ocasião de sua nomeação, um dos diretores do parque siderúrgico de Volta Redonda. Sem maiores vínculos políticos no Paraná, chamou para a pasta do Interior, Justiça e Segurança o já famoso e então deputado federal Fernando Flores.

O deputado federal Major Fernando Flores – que era bastante conhecido e muito influente nos círculos políticos paranaenses – teve uma atuação destacada na defesa da candidatura de Moysés Lupion, sobretudo a partir do momento em que o PSD paranaense encontrou-se novamente dividido entre dois pré-candidatos ao governo do estado: Lupion e o General José Agostinho dos Santos.

A disputa interna nas hostes pessedistas repercutiu amplamente na política paranaense. A ala lupionista do PSD chamou a possível candidatura do General Agostinho dos Santos, apoiado por cerca de dois terços da Comissão Executiva do partido, de “grande golpe<sup>69</sup>”. Embora minoritários dentro do partido nesse momento, os lupionistas, liderados pelo Major Fernando Flores, utilizaram-se amplamente dos jornais – como a *Gazeta do Povo*, *O Dia* e o *Diário Popular* – para atacar a possível candidatura do Gen. Agostinho dos Santos.

<sup>67</sup> Inclusive, Pinheiro Machado deixou a presidência do partido, que foi assumida por Antonio Augusto de Carvalho Chaves.

<sup>68</sup> O interventor Mário Gomes dividiu algumas secretárias para o PTB e a UDN, mas excluiu o PR, que era simpático ao ex-interventor Pinheiro Machado. Em particular, o PTB recebeu a Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, que ficou com Raul Viana, primeiro secretário do partido e diretor do jornal “trabalhista” *Diário Popular*.

<sup>69</sup> Cf. *Gazeta do Povo*, 9 out. 1946; *Diário da Tarde*, 10 out. 1946.

A estratégia utilizada pelos lupionistas, que nesse momento estavam em minoria dentro do PSD, foi tentar organizar uma grande coalizão interpartidária com o PTB – que possuía um Diretório amplamente lupionista –, a UDN e o PRP. Outra estratégia utilizada foi a cooptação dos diretórios pessedistas dos municípios do interior do Paraná para que esses apoiassem a candidatura de Lupion na Convenção Estadual pessedista, que seria realizada no início de novembro de 1946.

Aliás, o interventor Mário Gomes também contribuiu indiretamente para o êxito dessa estratégia, pois foi totalmente omissivo ao fato do seu secretário, o Major Fernando Flores, se aproveitar da sua posição política para articular com os diretórios pessedistas do interior e com outros partidos políticos, o que foi fundamental para o fortalecimento da candidatura de Lupion (COSTA, 1994, p. 364-365).

Em pouco tempo a ala lupionista do PSD conquistou o apoio da UDN e do PRP, que, juntamente com o PTB, acordaram em dividir secretarias e outros cargos públicos entre os partidos coligados. Assim, no final de outubro os jornais já noticiavam a coalizão<sup>70</sup> entre PSD-PTB-UDN-PRP em favor de Lupion – que foi ratificada nas Convenções estaduais desses partidos.

Na Convenção do PSD, realizada em 7 de novembro de 1946, a ala lupionista saiu vencedora graças ao apoio dos diretórios do interior. Assim, os trabalhos de articulação empreendidos pelo Major Fernando Flores foram bem sucedidos.

Por sua vez, a Convenção petebista ocorreu no dia 5 de novembro. Como já era esperado, o PTB oficializou o seu apoio a grande coalizão partidária em favor de Lupion e lançou a lista de candidatos ao Legislativo estadual – composta tanto por líderes sindicais quanto por profissionais liberais e políticos profissionais. Para o Senado, o partido confirmou o apoio ao udenista Arthur Ferreira dos Santos e lançou o nome de Maximino Zanon como o seu suplente.

Oficializado candidato pela coligação PSD-PTB-UDN-PRP, Lupion enfrentaria nas urnas Bento Munhoz da Rocha Neto,<sup>71</sup> do Partido Republicano (PR). Ao lado do jornalista Roberto Barrozo – que nas eleições de 1947 concorreria ao Senado pelo PSP –, Bento Munhoz da Rocha Neto tornou-se um dos principais inimigos políticos do pessedista Moysés Lupion.

Embora Bento Munhoz da Rocha Neto tenha recebido o apoio dos dissidentes udenistas que não compactuaram com a aliança com o PTB e o PSD, o jornalista Samuel Guimarães Costa (1994, p. 366) relata que a candidatura de Lupion era praticamente invencível, pois contava com o apoio oficial dos três principais partidos e dispunha de muitos recursos

<sup>70</sup> Ver, por exemplo, as edições de Gazeta do Povo de 23 e 26 de outubro de 1946.

<sup>71</sup> Bento era filho de Caetano Munhoz da Rocha (que governou o Paraná entre 1920-1928) e era considerado o herdeiro político das velhas oligarquias destronadas após a Revolução de 1930 – que retornaram à política no pós-1945 concentrando-se na UDN e, em menor número, no PR.

financeiros. Com o seu nome sendo propagandeado em todo o estado por meio de rádios e jornais de grande circulação (*O Dia* e a *Gazeta do Povo*), Lupion dizia-se representar a renovação – uma vez que não pertencia às famílias tradicionais, ao contrário de Bento. Utilizando-se de um discurso popular (cujo *slogan* era “Paraná maior”), prometeu apoiar as cidades e os interesses do interior do Paraná (MAGALHÃES, 2001, p. 56), enquanto Bento Munhoz da Rocha Neto era representado como um candidato das elites curitibanas. Assim, Lupion viu crescer a sua popularidade e venceu as eleições de 19 de janeiro de 1947 com uma ampla margem de votos, obtendo 59,1% dos votos contra 29,3% de Bento Munhoz da Rocha Neto (IPARDES, 1989, p. 11).

Para o Senado, o udenista Arthur Ferreira dos Santos (que contava com o apoio do PSD, do PTB e do PRP) derrotou o jornalista Roberto Barrozo (PSP).<sup>72</sup> No que tange à Assembléia Legislativa do estado, o PSD<sup>73</sup> sagrou-se o grande vitorioso, elegendo 16 deputados, enquanto a UDN<sup>74</sup> elegeu sete, o PTB seis, o PR<sup>75</sup> quatro, o PRP<sup>76</sup> dois, o PSP<sup>77</sup> um e o PCB<sup>78</sup> também um (IPARDES, 1989: p. 122).

Por sua vez, o PTB elegeu, em ordem de votação, os seguintes deputados estaduais:

- Aldo Silva: radialista, advogado e promotor público em Cornélio Procopio e região.
- Aldo Laval: contador com atuação em Ponta Grossa.
- Antônio dos Santos Filho: químico industrial e professor em Paranaguá.
- Julio Rocha Xavier: ex-prefeito e ex-promotor público de Carlópolis, no norte do estado. Na época era advogado de diversos sindicatos de trabalhadores e secretário do Diretório Municipal do PTB de Curitiba.
- José Machuca: advogado com atuação em Curitiba e litoral.
- José Daru: comerciante em Curitiba.

<sup>72</sup> Arthur Ferreira dos Santos obteve 73.837 votos, contra 42.990 de Roberto Barrozo. Cf. IPARDES, 1989, p. 107. Dessa forma, a senatoria paranaense (1947-1950) ficou completa, ficando assim composta: Flávio Guimarães (PSD), Roberto Glaser (PSD) e Arthur Ferreira dos Santos (UDN).

<sup>73</sup> O PSD elegeu João Chede, Oscar Lopes Munhoz, Antonio Lustosa de Oliveira, Avelino Vieira, Edgard Sponholz, Justiniano G. da Silva, Alfredo Pinheiro Júnior, Ernani Benghi, Alcides Pereira Júnior, Guataçara Borba Carneiro, Helio Setti, Anísio Luz, José M. Ribeiro dos Santos, Waldemiro Pedroso, Pedro Firman Neto e Francisco Accioly R. da Costa Filho.

<sup>74</sup> A UDN elegeu Bronislau Ostoja Rogushi, Lineu Madureira Novais, Osvandré Ferreira do Amaral e Silva, Rivadávia Barbosa Vargas, Alvir Riesemberg, José Alves Bacelar e Laertes de Macedo Munhoz.

<sup>75</sup> O PR elegeu Felizardo Gomes da Costa, Lauro Gentil Portugal Tavares, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck e Frederecindo Mares de Souza.

<sup>76</sup> O PRP elegeu Júlio Buskei e Benjamin de Andrade Mourão.

<sup>77</sup> O PSP elegeu Atilio de Almeida Barbosa.

<sup>78</sup> O PCB elegeu José Rodrigues Vieira Neto.

Portanto, o PSD ficou com 43,2% das cadeiras da Assembléia Legislativa, a UDN com 18,9%, o PTB com 16,2%, o PR com 10,8%, o PRP com 5,4% e o PSP e PCB com 2,7% cada um. Dessa forma, inicialmente Moysés Lupion governaria o Paraná com a maioria absoluta do Legislativo estadual, pois a grande coalizão interpartidária aglutinaria 83,7% dos deputados.

### *O governo Lupion e as crises político-partidárias*

Após as eleições, Mário Gomes passou a interventoria do estado a Antonio Augusto Carvalho Chaves, presidente do PSD paranaense, que ficou pouco mais de um mês no cargo, até a posse de Moysés Lupion, em março de 1947. De uma maneira geral, o primeiro governo de Lupion (1947-1950), cujo lema era “construindo um Paraná Maior”, priorizou as políticas de colonização nas regiões norte, oeste e sudoeste do estado, investiu em algumas obras de infra-estrutura (sobretudo a abertura de novas estradas) e adotou uma tímida política de modernização/industrialização do estado – contudo, convém ressaltar que durante a década de 1950 o Paraná ainda seria um estado predominantemente agrícola.<sup>79</sup>

Inicialmente, conforme Samuel Guimarães Costa (1994, p. 368), Lupion montou seu secretariado visando a contemplar os partidos que formaram a grande coalizão que o elegeu. No entanto, as principais secretarias ficaram divididas entre o PSD e a UDN,<sup>80</sup> ao passo que o PTB ficou apenas com a pasta da Agricultura, Indústria e Comércio, com Francisco Maravalhas.

Também em março, iniciaram os trabalhos na Assembléia Constituinte paranaense, onde tiveram início os primeiros desentendimentos entre a UDN e o PSD, quando “a bancada do PSD não deu tréguas à UDN, com pronunciamentos diários na Assembléia”, “enquanto a imprensa pessedista” – *Gazeta do Povo e O Dia* – “anunciava que o rompimento era eminente, pressionando o Major Francisco de Paula Soares, ‘por dever moral’, a exonerar-se da pasta da Fazenda, uma das mais cobiçadas”. De acordo com o jornalista Samuel Guimarães Costa (1994, p. 369-370), era evidente que pessedistas passaram a bombardear a coligação com a UDN com o intuito de se instalarem sozinhos no governo.

Embora a UDN tenha resistido o quanto pôde para permanecer no governo Lupion, as relações entre ambos azedaram de uma maneira irreversível. No final de 1947, a crise entre

<sup>79</sup> Mais detalhes acerca do governo Lupion, ver: Magalhães (2001), Colnaghi (1991) e Ipardes (1987).

<sup>80</sup> O primeiro secretariado do governo Lupion ficou assim constituído: Gomy Júnior (PSD), na pasta do Interior, Justiça e Segurança Pública; Francisco de Paula Soares (UDN), na pasta da Fazenda; Francisco Maravalhas (PTB), na pasta da Agricultura, Indústria e Comércio; Benjamin Mourão (PRP), na pasta de Viação e Obras Públicas; Milton Munhoz (UDN), na pasta da Saúde; Gaspar Vellozo (PSD), na pasta da Educação; e Ângelo Lopes (PSD), na prefeitura de Curitiba – que na época era um cargo nomeado pelo governador (a primeira eleição para a prefeitura de Curitiba ocorreu em 1954).

os dois partidos acentuou-se e o iminente rompimento foi oficializado no início de 1948. A partir de então a UDN empreendeu uma ferrenha oposição ao governo Lupion, tornando-se uma implacável e eterna inimiga do governador paranaense.<sup>81</sup>

Internamente, o PSD também entrou em ebulição. De um lado, estavam os deputados lupionistas; de outro, os floristas, isto é, os deputados eleitos sob a proteção do Major Fernando Flores – que ficaram conhecidos como “granadeiros<sup>82</sup>”. Segundo o relato do jornalista Samuel Guimarães Costa (1994, p. 370), os pontos de discórdia entre os dois grupos giraram em torno de duas questões: a criação do cargo de vice-governador e as eleições livres para a prefeitura de Curitiba. Esses dois pontos eram aceitos pelos altos escalões do PSD para serem incluídos na Constituição estadual, mas desagradavam a Lupion, que articulou com os deputados lupionistas para que esses obstruíssem tais projetos.

Mas por que Lupion era contrário a esses projetos? Quanto a criação do cargo de vice-governador, os deputados floristas queriam criá-lo especificamente para o Major Fernando Flores, como uma forma de homenageá-lo. No entanto, Lupion temia que a presença do influente Major Flores pudesse lhe representar uma sombra e lhe ofuscar politicamente (COSTA, 1994). No que tange à prefeitura de Curitiba, Lupion temia que o governo da cidade caísse nas mãos da oposição e, na época, especulava-se que o eleito certamente seria o jornalista Roberto Barrozo, que empreendia no jornal *Diário da Tarde* uma contundente campanha contra o governo Lupion (COSTA, 1994).

Para se evitar uma grande cisão dentro do partido, os pessedistas acabaram excluindo esses dois pontos da votação da Constituinte. Porém, não evitou que o PSD tivesse que conviver, por algum tempo, com uma ala de deputados rebeldes no Legislativo estadual – os “granadeiros” – que, inclusive, criticavam abertamente o governador.

Outro fato importante em 1947 foi o retorno do jornalista Roberto Barrozo ao PTB, em setembro. No entanto, a volta de Roberto Barrozo, inimigo político de Lupion, às hostes petebistas desagradou o PSD, que chegou a ameaçar o PTB com a perda de cargos administrativos (BARROZO, 1947, p. 1). E provavelmente também não agradou a Comissão Executiva Estadual trabalhista, pois todos tinham ciência que Barrozo ambicionava chegar aos altos escalões do partido.

Novamente integrado aos PTB, em pouco tempo Barrozo conseguiu mobilizar alguns correligionários para se posicionarem contra Lupion, enquanto a Comissão Executiva Estadual mantinha-se fiel ao governador. E seriam justamente essas duas alas (lupionistas e antilupionistas) que disputariam o controle partidário na Convenção Estadual de 1º de outubro de 1947.

<sup>81</sup> Mais detalhes acerca da crise entre PSD e UDN, ver o trabalho de Evandir Codato (1991).

<sup>82</sup> Os quatro deputados floristas conhecidos como “granadeiros” eram Oscar Lopes Munhoz, Pedro Firman Neto, Alfredo Pinheiro Jr. e Francisco Acioli Filho.

## *A Convenção Estadual do PTB de 1947: as disputas internas pelo poder*

Lupion tinha o máximo interesse que Maximino Zanon se reelegesse presidente do PTB paranaense e, assim, mantivessem o partido ao seu lado. Pois, do contrário, a vitória da chapa de Barrozo provavelmente representaria o afastamento do PTB do governador, que, inclusive, poderia passar a enfrentar sérias dificuldades na Assembléia Legislativa – pois as relações com a UDN caminhavam para o rompimento e, além disso, havia quatro deputados pessedistas rebeldes (os “granadeiros”) que poderiam encorpar ainda mais a oposição.

Como era previsível, a Convenção Estadual do PTB, que escolheria a nova Comissão Executiva e o novo Diretório do partido, foi bastante tensa e gerou muitos descontentamentos. A chapa vencedora foi a de Maximino Zanon, que aglutinava diversos membros diretamente ligados a Lupion,<sup>83</sup> e que, de última hora, incorporou inúmeros petebistas do interior do estado no Diretório – com o objetivo de, por meio da cooptação, garantir votos para a vitória da sua chapa.

Entretanto, essa manobra da chapa de Zanon acabou excluindo alguns influentes petebistas – que faziam parte do antigo Diretório – do novo Diretório Estadual do partido, como o deputado estadual Aldo Silva, o jornalista Jorge Mathias Jr. e os sindicalistas Bernardino Fialho Sobrinho e Ubiratan Peixoto de Matos, entre outros, que se indignaram com tal fato e ameaçaram abrir uma dissidência dentro do partido.

**Tabela 2** – Comissão Executiva do PTB do Paraná (eleita em 1º de outubro de 1947)

Presidente	Maximino Zanon (Curitiba; oficial do Cartório de Reg. de Imóveis)
Vice-Presidente	Abilon de Souza Naves (Curitiba; contador e funcionário público)
Secretário Geral	Júlio da Rocha Xavier (Curitiba; advogado)
Primeiro Secretário	Reginaldo Cavalcanti (Curitiba; funcionário público)
Segundo Secretário	Leonel Prado Martins (Curitiba; advogado)
Tesoureiro Geral	Rene Varumbi de Paula
Primeiro Tesoureiro	José Machuca (Curitiba/Antonina; advogado)
Segundo Tesoureiro	Divonsir Borba Cortes (Londrina; advogado)
Conselho Fiscal	Raul Viana (Curitiba; juiz do Tribunal de Contas)

<sup>83</sup> O *Diário da Tarde* de 2 de outubro de 1947 (p. 6) cita os exemplos de Emanuel Coelho, parente de Lupion, Vasco da Gama Coelho, cunhado de um irmão de Lupion, Raul Viana, juiz do Tribunal de Contas (e diretor do jornal *Diário Popular*), Reginaldo Cavalcanti, empregado da Imprensa Oficial do Estado, Maximino Zanon, que ocupava interinamente um cartório de imóveis, além de José Volpato, Abilon de Souza Naves e outros que eram do círculo de amizades do governador.

	José Joaquim Bertolini (Curitiba; líder sindical) Antonio Chalbaud Biscaia (Curitiba, advogado)
--	--

Fonte: *Diário da Tarde*, 2 out. 1947, p. 6.

Derrotado na Convenção, Roberto Barrozo, por meio do *Diário da Tarde*, “denunciou” o que ele chamou de “golpe dentro do PTB patrocinado por elementos do governo do Estado infiltrados no partido”. Segundo Barrozo, Maximino Zanon, que recebera um cartório de registro de imóveis do governo Lupion, foi pressionado pelo governador a vencer as eleições a qualquer custo, sob a ameaça de perder o cartório para o filho do deputado Guataçara Borba Carneiro (PSD), líder do governo no Legislativo.<sup>84</sup>

Posteriormente, o deputado Aldo Silva, Jorge Mathias Jr., Roberto Barrozo, Bernardino Fialho Sobrinho e Ubiratan Peixoto de Matos, entre outros, articularam a formação de uma Ala Independente do PTB, que também contou com a adesão dos deputados petebistas José Darú e Aldo Laval (que, inclusive, pediram os seus respectivos afastamentos do Diretório Estadual), além dos líderes sindicais Lúcio de Freitas (ex-presidente de honra do PTB) e João Tavares Santana, entre outros.<sup>85</sup>

De maneira geral, a Ala Independente do PTB não objetivava deixar o partido, mas era totalmente contrária a forma que se processou a reeleição de Maximino Zanon, alegando que a mesma fora fraudulenta. Também acusava Zanon de não ser um verdadeiro getulista e não trabalhar visando a unificação e os interesses do Partido Trabalhista Brasileiro do Paraná.<sup>86</sup>

Em suma, os desdobramentos da Convenção de outubro de 1947 refletiam o que era o PTB paranaense naquele momento: um partido crivado por inúmeras e acirradas disputas pelos seus postos de mando – onde predominavam interesses meramente pessoais e fisiológicos –, que corroboravam para a instabilidade interna nas hostes trabalhistas.

### *Lupion e o “grande cisma” do PTB paranaense*

Após a morte de Maximino Zanon (em 22 de janeiro de 1948), a crise interna no PTB do Paraná agravou-se ainda mais em fevereiro de 1948, quando ocorreu mais uma grande dissidência nas hostes petebistas: inúmeros trabalhistas, incluindo cinco dos sete deputados estaduais do partido – Antônio dos Santos Filho, Aldo Laval, Aldo Silva, José Darú e Júlio

<sup>84</sup> Cf. *Diário da Tarde*, 2 out. 1947, p. 1 e 6.

<sup>85</sup> Cf. *Diário da Tarde*, 4 out. 1947, p. 6; e 6 out. 1947, p. 6.

<sup>86</sup> Cf. *Diário da Tarde*, 8 out. 1947, p. 1 e 6.

Buskei<sup>87</sup> migraram para o Partido Social Democrático e ali fundaram o Departamento Trabalhista do PSD.

Além dos deputados acima mencionados, também migraram para o Departamento Trabalhista do PSD os seguintes petebistas: Lúcio de Freitas, João Tavares Santana, Raul Viana, Jorge Mathias Jr., Antonio Chalbaud Biscaia, Saturnino Fernandes, entre outros, que lançaram um manifesto político,<sup>88</sup> datado de 20 de fevereiro de 1948, explicando as razões dos seus respectivos desligamentos do PTB-PR.

No referido manifesto, os dissidentes atacavam a Comissão Executiva do partido e relembavam como se processou a escolha do novo Diretório em outubro de 1947, quando os excluídos das posições de mando e demais descontentes articularam a formação da Ala Independente do PTB. Aliás, convém salientar que alguns dissidentes signatários desse manifesto – como Jorge Mathias Jr., João Tavares Santana, Lúcio de Freitas, Aldo Silva, Aldo Laval e José Darú, entre outros – faziam parte da Ala Independente do PTB, organizada em 1947. Além desses, também são signatários do manifesto político dos dissidentes Raul Viana e Antonio Chalbaud Biscaia (que integravam o Conselho Fiscal do PTB).

Embora os dissidentes alegassem desentendimentos com a Executiva do partido, há fortes indícios de que o real motivo para a cisão no PTB tenha sido fomentado pelo governador Lupion e pelo PSD, que cooptou os mencionados deputados estaduais e outros influentes petebistas, excluídos das posições de mando do partido, para as hostes pessedistas para compensar a rebeldia dos deputados granadeiros. Em outras palavras, o PSD, que já havia rompido com a UDN, planejou cooptar os deputados trabalhistas, pois assim garantiria a maioria no Legislativo e poderia romper a coligação com o PTB e, dessa forma, governar o Paraná sozinho, como era a vontade de alguns influentes pessedistas.<sup>89</sup>

Posteriormente, a Comissão Executiva do PTB paranaense, comandada por Abilon de Souza Naves, publicou, no dia 23 de fevereiro de 1948,<sup>90</sup> um manifesto em resposta aos dissidentes. Utilizando-se de um discurso repleto de elementos religiosos, a Comissão Executiva do PTB procurou replicar às acusações dos dissidentes e, contra-atacando, os acusou, entre outras coisas, de oportunistas e de terem recebido alguma compensação pela traição.

Em suma, esse “grande cisma” no seio do PTB paranaense teve, mais uma vez, como principais catalisadores os interesses fisiológicos de alguns e as ambições frustradas, por parte de outros – que se encontravam aleijado de uma posição de mando dentro do partido.

<sup>87</sup> Júlio Buskei havido sido eleito pelo PRP, mas migrou para o PTB em 1947.

<sup>88</sup> “Manifesto Político”. *O Dia*, 22 fev. 1948, p. 1; *Gazeta do Povo*, 22 fev. 1948, p. 1 e 6.

<sup>89</sup> Cf. Marco Zero. *Gazeta do Povo*, 3 fev. 1948, p. 1.

<sup>90</sup> Os signatários desse manifesto foram: Souza Naves – vice-presidente em exercício; Júlio Rocha Xavier – secretário geral; Reginaldo Cavalcanti – primeiro secretário; Leonel Prado Martins – segundo secretário; José Machuca – primeiro tesoureiro; e Divonsir Borba Cortes – segundo tesoureiro. Cf. “Partido Trabalhista Brasileiro, seção do Paraná: Nota Política”. In: *Diário da Tarde*, 25 fev. 1948, p. 1 e 6.

De qualquer forma, a migração dos petebistas para o PSD foi um duro golpe para o PTB do Paraná, uma vez que enfraqueceu ainda mais o já claudicante e desunido partido. A partir de então, reestruturar e fortalecer o partido tornou-se um grande desafio aos trabalhistas paranaenses.

### *O PTB e o rompimento com Lupion*

Após estimular a dissidência dentro do PTB, o governador Lupion e o PSD trataram de colocar os petebistas à margem do governo estadual. Nesse sentido, é sintomática a nomeação do novo secretariado do governo no final de fevereiro de 1948, formado exclusivamente por pessedistas. Enfim, conforme era o seu desejo, o PSD agora poderia governar sozinho o Paraná.<sup>91</sup>

A partir de então as relações entre o PTB paranaense e o governador se deterioraram e, gradativamente, os petebistas passaram a fazer oposição a Lupion, que também enfrentava o ataque dos udenistas e de alguns pessedistas, como o deputado federal Major Fernando Flores.

Ademais, como era previsível, havia um clima de grande animosidade entre o PTB e o Departamento Trabalhista do PSD, que reorganizou o jornal *Diário Popular*,<sup>92</sup> impresso nas oficinas do *O Dia*, que voltou a circular entre abril e outubro de 1948 e tornou-se o principal meio de propaganda dos ex-petebistas. Por meio desse jornal, o Departamento Trabalhista do PSD, além de defender o governo Lupion, também se tornou uma verdadeira “metralhadora giratória”: atacava o jornalista e vereador Roberto Barrozo, o “agonizante” PTB – como eles o chamavam –, o deputado estadual trabalhista Júlio Rocha Xavier – apelidado pejorativamente de “Julinho” –, que defendia a cassação dos deputados dissidentes<sup>93</sup> e, por vezes, a UDN.

Internamente, o Partido Trabalhista Brasileiro do Paraná, sob a presidência provisória de Ailton de Souza Naves, procurou seguir as orientações de Salgado Filho, o novo

<sup>91</sup> O novo secretariado do estado ficou assim constituído: Angelo Lopes, na pasta da Fazenda; João Teófilo Gomy Jr., na pasta do Interior e Justiça; Alô Guimarães, na pasta de Saúde e Assistência Social; José Loureiro Fernandes, na pasta de Educação e Cultura; Gil Stein Ferreira, na pasta de Agricultura, Indústria e Comércio; Coronel Antenor de Alencar Lima, na pasta de Viação e Obras Públicas; Ney Leprevost, como prefeito nomeado da capital; além do novo pessedista Antonio Chalbaud Biscaia como Procurador-Geral do Estado. Cf. *O Dia*, 29 fev. 1948, p. 1.

<sup>92</sup> O *Diário Popular* foi novamente dirigido por Raul Viana e contava com Jorge Mathias Jr. (na função de diretor secretário) e do deputado Antônio dos Santos Filho (na função de diretor-gerente).

<sup>93</sup> O PTB do Paraná tentou cassar os mandatos dos quatro deputados dissidentes, mas não logrou êxito. Cf. O Tribunal Regional não tomou conhecimento do pedido do PTB. *Gazeta do Povo*, 6 jul. 1948, p. 8.

presidente nacional do partido<sup>94</sup> que assumiu o posto, em meados de junho de 1948, com o objetivo de reestruturar e, sobretudo, pacificar internamente o PTB. Assim, o partido passou a adotar uma posição equidistante ao governo Dutra e, gradativamente, se afastaria do PSD e do governo Lupion – que, frequentemente, ainda se utilizava da prática de cooptar políticos petebistas para as hostes pessedistas.

Uma crise envolvendo o prefeito nomeado de Curitiba, Ney Leprevost (PSD) e a bancada petebista da Câmara de Vereadores da capital foi a gota d'água para o rompimento entre o PTB e Lupion, oficializado, em setembro de 1948, por meio de um manifesto.<sup>95</sup> Portanto, após lançar a candidatura de Lupion e a apoiá-la incondicionalmente, o PTB paranaense rompeu com o governador, “acusando-o de ingrato, traidor e de querer destruir o partido”.

### *Considerações Finais*

O Partido Trabalhista Brasileiro do Paraná nasceu do sindicalismo oficial e do esforço do interventor Manoel Ribas e de políticos ligados à interventoria do estado, que objetivavam criar uma agremiação que canalizasse o sindicalismo estadonovista em uma frente de defesa do legado trabalhista de Getúlio Vargas. Para tais propósitos, criou-se, no início de 1945, a União dos Trabalhadores do Paraná (UTP), que era uma intersindical que aglutinava diversas federações e sindicatos de todo o estado. Em 8 de julho de 1945, a UTP foi transformada no PTB do Paraná.

Umbilicalmente ligada à máquina administrativa estadual, o PTB paranaense surgiu como uma espécie de “braço sindical” do PSD, reunindo inicialmente duas correntes: a “sindicalista” (formada pelos dirigentes sindicais ligados ao sindicalismo oficial estadonovista) e a “pragmático-getulista” (que reunia políticos e profissionais liberais ligados à interventoria do estado e ao PSD, que se transferiram para o PTB).

Inicialmente, o PTB do Paraná foi comandado pelos “sindicalistas”, dentre eles Maximino Zanon, o primeiro presidente do partido, e teve pouca participação no movimento queremista, uma vez que defendia a candidatura do Gen. Eurico Gaspar Dutra. Ademais, o partido nasceu estruturalmente muito fraco e sem disponibilizar de recursos financeiros,<sup>96</sup> o que contribuiu para o seu fraco desempenho nas eleições de 1945.

---

<sup>94</sup> Conforme Maria Celina D'Araújo (1996, p. 51), as articulações para o afastamento de Baeta Neves da presidência do PTB levou toda a Comissão Executiva do partido a renunciar, o que ocasionou a ascensão de uma Comissão Provisória da qual Vargas participava como presidente efetivo e Salgado Filho como vice-presidente – e Baeta Neves como presidente de honra. Porém, como Vargas jamais chegou a exercer efetivamente a função de presidente do partido, esta função foi desempenhada por Salgado Filho, político de estatura nacional e homem de confiança de Vargas.

<sup>95</sup>Cf. *Gazeta do Povo*, 21 set. 1948, p. 5; *Diário da Tarde*, 23 set. 1948, p. 1 e 6.

<sup>96</sup> Convém lembrar que a primeira sede do Diretório Estadual do PTB do Paraná encontrava-se em um prédio simples, localizado na Praça Tiradentes, em Curitiba, que recebeu o sugestivo apelido de “sede das goteiras”.

Contudo, nos seus primeiros anos de existência o PTB paranaense vivenciou um processo de “elitização” interna, com o ingresso de inúmeros políticos profissionais, empresários e profissionais liberais – sobretudo advogados e funcionários públicos –, que gradativamente foram ocupando os principais postos de mando dentro do partido. Nesse sentido, convém ressaltar que a maioria desses novos integrantes do PTB eram pessoas que possuíam algum tipo de vínculo com o abastado empresário Moysés Lupion, o que contribuiu para um processo de “lupionização” do partido.

Amigo de Manoel Ribas e considerado como o seu herdeiro político, Lupion era dono de um império econômico e ambicionava chegar ao governo do Paraná nas eleições de 1947. Para tanto, utilizou-se de todo o seu poderio financeiro para comprar jornais, rádios e exercer grande influência política não somente junto ao seu partido, o PSD, mas também dentro do PTB do Paraná. Sem dúvida, Lupion, que passou a financiar as despesas do partido, cooptou Maximino Zanon e o seu grupo, que passaram a defender incondicionalmente a sua candidatura ao governo estadual.

No entanto, a “lupionização” do PTB fomentou a sua primeira grave crise interna, uma vez que havia uma significativa ala antilupionista, que acabou sendo expulsa do partido. Após essa série de expurgos, o PTB do Paraná passou a ser controlado por um grupo de “sindicalistas” e “pragmáticos-getulistas” que imprimiram ao partido duas características principais: o lupionismo e o fisiologismo.

Além do apoio oficial do PSD e do PTB, Moysés Lupion também cooptou a UDN e o PRP, formando uma grande aliança interpartidária, cujo acordo era dividir as secretarias e os cargos públicos entre os partidos coligados. Contando com o apoio dos três principais partidos, controlando a grande imprensa do estado e injetando uma grande quantidade de recursos financeiros na sua campanha eleitoral, Lupion elegeu-se governador do Paraná em 1947. Por sua vez, o PTB teve um desempenho mediano, ficando atrás do PSD e da UDN.

Culminando o processo de afastamento da corrente “sindicalista”, a partir da Convenção Estadual de 1947 o PTB do Paraná passou a ser definitivamente controlado pelos “pragmáticos-getulistas”, que imprimiam ao partido um caráter meramente fisiológico e lupionista. Tal situação continuou inalterada até a morte do presidente do partido, Maximino Zanon, no início de 1948. A partir de então, o PTB passou a ser comandado provisoriamente pelo vice-presidente Abilon de Souza Naves, cujos vínculos pessoais que mantinha com Lupion foram fundamentais para a sua ascensão dentro do partido.

Logo nos primeiros momentos à frente do PTB do Paraná, Souza Naves enfrentou mares turbulentos e momentos de grande dificuldade, como quando Lupion catalisou uma grande cisão dentro do partido – ao cooptar para as hostes pessedistas vários petebistas, inclusive cinco dos sete deputados estaduais do PTB –, enfraquecendo ainda mais o já claudicante partido. Somando-se a isso o fato dos trabalhistas ocuparem uma posição periférica no

governo estadual, as relações entre o PTB e Lupion se deterioraram e caminharam para o rompimento, que oficializado em setembro de 1948.

## *Bibliografia*

- BARROZO, Roberto. A grande arrancada. *Diário da Tarde*, Curitiba, 15 set. 1947, p. 1
- BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- CARNEIRO, David; VARGAS, Túlio. *História biográfica da República no Paraná*. Curitiba: Banestado, 1994.
- CODATO, Adriano; KIELLER, Marcio (Org.). *Velhos vermelhos: história e memória dos dirigentes comunistas no Paraná*. Curitiba: UFPR, 2008.
- CODATO, Evandir. *PSD e UDN: articulação e conflito na política paranaense entre 1945 e 1950*. 1991. Tese (Doutorado em História) – USP, São Paulo, 1991.
- COLNAGHI, Maria Cristina. O processo político de ocupação do sudoeste. In: PAZ, Francisco Moraes (Org.). *Cenários de economia e política: Paraná*. Curitiba: Prephacio, 1991, p. 7-23.
- COSTA, Samuel Guimarães. *História política da assembleia legislativa do Paraná*. Curitiba: Assembleia Legislativa, 1994, v. 2.
- D'ARAUJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma & poder: o PTB de 1945-1965*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 3, p. 13-46.
- GOMES, Angela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- IPARDES. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba: IPARDES, 1987.
- IPARDES. *Resultados eleitorais: Paraná (1945-1982)*. Curitiba: IPARDES, 1989.
- MAGALHÃES, Marion Brepohl. *Paraná: política e governo*. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção História do Paraná).
- NEVES, Léo de Almeida. *Vivência de fatos históricos*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- NICOLAS, Maria. *O Paraná na câmara dos deputados*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1977.

NICOLAS, Maria. *O Paraná no senado*. Curitiba: Imprensa Oficial, [s.d.].

SALLES, Jefferson de Oliveira. A relação entre o poder estatal e as estratégias de formação de um grupo empresarial paranaense nas décadas de 1940-1950: o caso do Grupo Lupion. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa (Org.). *A construção do Paraná moderno: políticos e política no governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI, 2004, p. 35-142.

### ***Fontes***

- *Diário da Tarde*. Curitiba.
- *Diário Popular*. Curitiba.
- *Gazeta do Povo*. Curitiba.
- *O Dia*. Curitiba.